

RECUPERAÇÃO DO EMPREGO E DA RENDA DESACELERA EM 2023

Emprego recorde, geração de postos formais de trabalho, queda da taxa de desemprego e recuperação da renda marcaram 2022, mas desaceleração é esperada para 2023.

Nessa seção, examinamos a dinâmica do mercado de trabalho no ano, dando especial atenção para a taxa de participação, indicador crucial para entender a dinâmica do mercado de trabalho brasileiro no ano de 2023. O indicador econômico representa a proporção da população em idade de trabalhar que está ativa na força de trabalho, ou seja, que está empregada ou buscando ativamente por emprego. Quando a taxa de participação é alta, uma porcentagem significativa da população em idade de trabalhar está ativa na força de trabalho.

A retomada da economia após os impactos da pandemia de COVID-19 trouxe consigo mudanças substanciais na participação da força de trabalho, com implicações diretas nas taxas de desemprego e no nível de ocupação. Isso porque a dinâmica da taxa de participação exerceu uma influência significativa na taxa de desemprego ao longo do ano de 2023 no Brasil. A diminuição na taxa de participação contribuiu para uma leitura positiva da taxa de desemprego, que, por sua fórmula, torna-se mais baixa quando a taxa de participação cai. No entanto, essa aparente melhoria na taxa de desemprego não reflete o desempenho geral do mercado de trabalho, pois, em parte, decorreu de uma piora na força de trabalho, não apenas do aumento da população ocupada.

Ao longo deste relatório, são discutidas as tendências do mercado de trabalho brasileiro e gaúcho, destacando as projeções para o ano de 2024.

Brasil: dinâmica da taxa de participação afetou o desemprego em 2023

No terceiro trimestre de 2023, a taxa de desemprego fechou em 7,7% no Brasil¹. Este indicador aponta uma redução significativa do desemprego em 1 ponto percentual em comparação com o mesmo período do ano anterior. Paralelamente, a taxa de participação apresentou uma diminuição de 0,9 ponto percentual no mesmo intervalo.

É relevante destacar que a taxa de participação passou por dois declínios distintos ao longo do período analisado. O primeiro ocorreu durante a pandemia, devido aos impactos econômicos decorrentes das medidas não farmacológicas adotadas para conter a Covid-19. Essas ações resultaram no fechamento de estabelecimentos e na suspensão de postos de trabalho presenciais, ocasionando uma queda de aproximadamente 7 pontos percentuais na taxa de participação entre fevereiro e julho de 2020. Esse movimento foi observado em escala global durante o período pandêmico.

No entanto, um aspecto notável no contexto brasileiro foi o segundo declínio na taxa de participação a partir do segundo semestre de 2022. Mesmo com o aumento da população ocupada (gráfico 4.2), uma parcela significativa da explicação para a rápida redução da taxa de desemprego reside na diminuição de trabalhadores no mercado de trabalho. Entre julho de 2022 e julho de 2023, a taxa de participação declinou de 62,7% para 61,7%. Para ilustrar o impacto dessa

¹ Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC).

variável na desocupação, se considerássemos a média da taxa de participação de 2019 (63,6%), a taxa de desemprego atual estaria em torno de 10% (gráfico 4.1).

Gráfico 4.1. Taxa de participação – BR
(Em %)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

Gráfico 4.2. População ocupada – BR
(Em milhões de pessoas)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

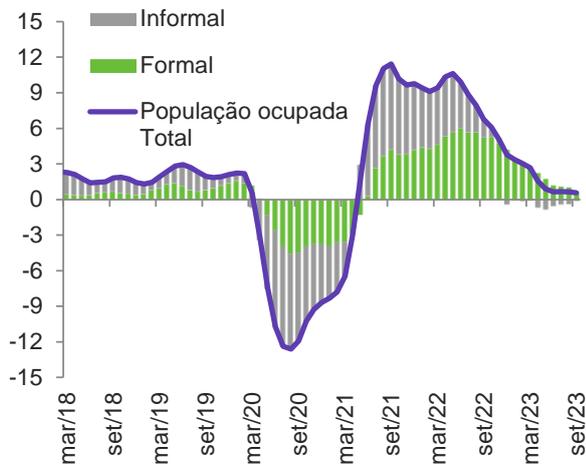
Essa dinâmica tem um impacto direto sobre a renda dos trabalhadores. Inicialmente, durante a pandemia, observou-se um aumento nos rendimentos habituais. Isso pode ser explicado pelo fato de que os profissionais que deixaram o mercado de trabalho nesse período eram predominantemente os mais vulneráveis, que atuavam em ocupações presenciais e caracterizados por menores níveis de escolaridade e renda. A partir de 2021, com a retomada do crescimento do emprego, esses trabalhadores retornaram ao mercado de trabalho, aliviando a pressão sobre os salários. A tendência de queda na desocupação persistiu a partir de 2022, ao passo que a taxa de participação retomou a trajetória de declínio, conforme mencionado anteriormente.

Outro indicador que reforça essa observação é a decomposição da variação da população ocupada interanual (gráfico 4.3). Durante a recuperação pós-pandemia, a maioria das pessoas que retornou ao mercado de trabalho estava envolvida em atividades informais. Contudo, a partir de 2022, observou-se uma mudança significativa, com a maior parte do crescimento positivo na população ocupada ocorrendo no setor formal. Em 2023, quase a totalidade do aumento no número de pessoas ocupadas em relação ao mesmo período do ano anterior ocorreu no âmbito do emprego formal.

Usualmente os empregos informais estão associados a pessoas com renda, níveis educacionais e outras variáveis sociais mais baixas. Essa tendência contribui para a compreensão de que a maior parte das pessoas que se retira da força de trabalho são trabalhadores mais vulneráveis. A natureza informal desses empregos muitas vezes implica em condições menos estáveis, benefícios reduzidos e menor segurança no emprego, tornando esses trabalhadores mais propensos a saírem do mercado de trabalho diante de desafios econômicos ou mudanças nas condições de emprego.

Gráfico 4.3. Variação da população ocupada por categoria formal x informal – BR

(Variação % interanual da PO e contribuição de cada categoria em pontos percentuais)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.
Nota: o mês se refere à última competência do trimestre móvel.

Gráfico 4.4. Renda média real mensal habitual de todos os trabalhos

(Em R\$)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.
Nota: o mês se refere à última competência do trimestre móvel.

A diminuição observada na disponibilidade de mão de obra também contribuiu para a rigidez do mercado de trabalho. Diante da escassez de trabalhadores, os empregadores intensificaram a competição para atrair e reter mão de obra. Essa situação gerou uma pressão ascendente sobre os salários, uma vez que as empresas, em um ambiente com oferta mais restrita, necessitaram oferecer remunerações mais atrativas para garantir a contratação dos trabalhadores. Isso se reflete na renda mensal média de todos os trabalhos (gráfico 4.4).

Diante dessa dinâmica de movimentos opostos, a taxa de desemprego experimentou uma leve redução ao longo de 2023, passando de 8,4% em janeiro para 7,7% em setembro (gráfico 4.5). Antecipamos que a tendência de redução persistirá ao longo do restante de 2023, projetando uma taxa de 7,5% ao fim do ano, resultando em uma média anual de 8,0% (gráfico 4.6).

Gráfico 4.5. Taxa de desemprego – BR

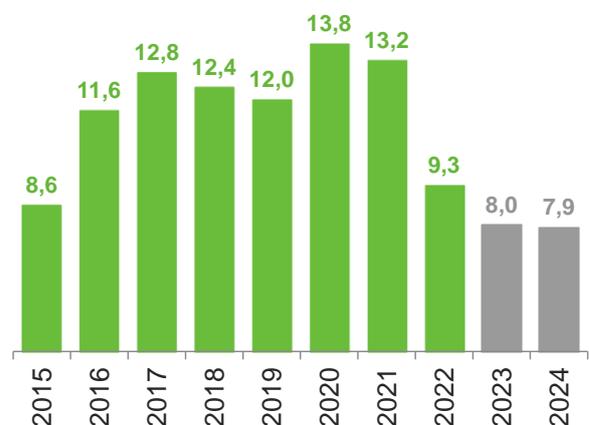
(Em % da força de trabalho | Taxa no trimestre)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.
Notas: A série pontilhada cinza são as projeções para o 4º trimestre de 2023, e o ponto preto é a taxa no trimestre até setembro de 2023 (último valor divulgado). O mês se refere à última competência do trimestre móvel.

Gráfico 4.6. Taxa média de desemprego – BR

(Em % da força de trabalho | Taxa média anual)

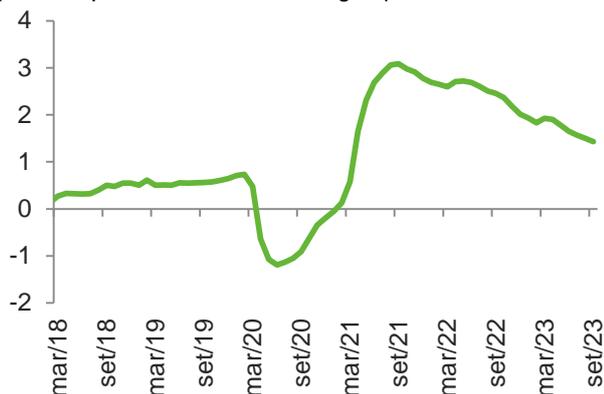


Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

Para 2024, prevemos que, em razão do limitado crescimento econômico esperado, a taxa de desemprego se manterá em patamares similares aos da segunda metade de 2023. Antecipamos um movimento típico de aumento no início do ano, seguido de uma redução até dezembro. Apesar da leve elevação na taxa final, a média anual tende a ser semelhante à de 2023. Em resumo, a taxa de desemprego deverá permanecer estável no próximo ano, com uma discreta inclinação para baixo.

Gráfico 4.7. Geração de empregos formais – BR

(Saldo líquido em milhões de vagas | Acum. em 12 meses)



Fonte: MTP/Novo CAGED. Elaboração: UEE/FIERGS.

Notas: Dados ajustados com as declarações excluídas e fora do prazo.

Tabela 4.1. Geração de empregos formais por setores – BR

(Saldo líquido em mil vagas)

	Acum.			
	2022	12 meses até set/23	2023*	2024*
Agropecuária	64	111	48	30
Indústria	441	474	359	221
Transformação	214	207	177	109
Construção	193	243	160	99
Extrativa e SIUP**	35	23	22	13
Serviços	1.508	1.014	1.148	706
Total da economia	2.013	1.600	1.555	956

Fonte: MTP/Novo CAGED. Elaboração: UEE/FIERGS.

* Previsão UEE/FIERGS. ** Serviços Ind. de Utilidade Pública. Notas: Dados ajustados com as declarações fora do prazo.

A situação do mercado de trabalho no Brasil em 2023 foi caracterizada por uma complexa interação entre a dinâmica da oferta de mão de obra, variações na participação da força de trabalho, impactos na renda dos trabalhadores e efeitos decorrentes das políticas econômicas, especialmente em resposta à pandemia de Covid-19. Em 2024, a evolução da taxa de participação continuará desempenhando um papel crucial na dinâmica do mercado de trabalho. A persistência desse fenômeno será determinante para moldar a oferta de mão de obra e, por conseguinte, influenciará diretamente os indicadores de emprego e desemprego. Além disso, a pressão ascendente sobre os salários, sinalizada no cenário atual, indica um ano desafiador para os empresários, que enfrentarão a necessidade de adaptar para atrair e reter talentos em um mercado de trabalho mais apertado.

Rio Grande do Sul: mercado de trabalho apertado pressiona setores intensivos em mão de obra

A conjuntura do mercado de trabalho gaúcho assemelha-se ao cenário brasileiro. Durante a pandemia da COVID-19, a taxa de participação experimentou uma queda acentuada em 2020. A recuperação da força de trabalho ocorreu até o início de 2023, quando a taxa de participação voltou a declinar (gráfico 4.8). Atualmente, a taxa de participação se encontra em 64,8%, ainda abaixo dos níveis pré-pandemia.

A população ocupada no Rio Grande do Sul também enfrentou desafios significativos, refletindo os impactos econômicos das medidas restritivas adotadas para conter a propagação do vírus. Observou-se uma queda nos níveis de ocupação, especialmente nos dois primeiros trimestres de 2020, onde a atividade econômica foi severamente afetada pelas restrições de

mobilidade e fechamento de estabelecimentos. A recuperação do emprego no estado começou a se manifestar nos trimestres subsequentes. A partir da segunda metade de 2020 e ao longo de 2021, houve uma gradual retomada da atividade econômica, refletida no aumento dos números de ocupação (gráfico 4.9).

Tal como no agregado nacional, a taxa de desemprego caiu no Rio Grande do Sul por uma combinação de aumento da população ocupada, associada ao retorno ainda gradual da taxa de participação. No terceiro trimestre de 2023, o estado gaúcho verificou uma queda simultânea da força de trabalho e da população desocupada em relação ao mesmo período do ano anterior, o que manteve a taxa de desemprego em 5,4%. Entretanto, se considerássemos a taxa de participação média de 2019 (período imediatamente anterior à pandemia), a taxa de desemprego do estado estaria em torno de 7,0%.

Gráfico 4.8. Taxa de participação – RS

(Em milhões de pessoas)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

Gráfico 4.9. População ocupada – RS

(Em milhões de pessoas)

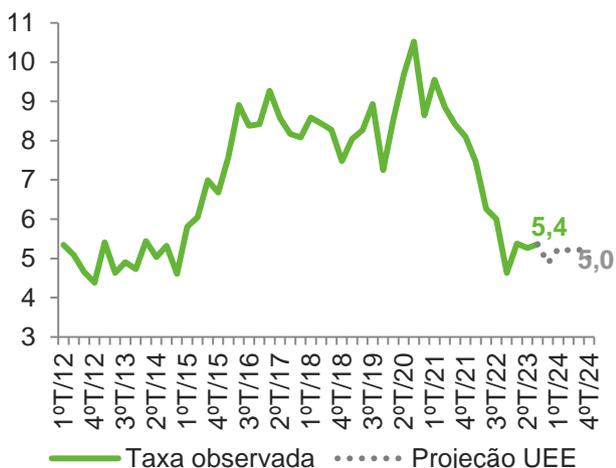


Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

A renda média real de todos os trabalhos no estado do Rio Grande do Sul também apresentou um desempenho semelhante ao Brasil no período. A média no 4º trimestre de 2019 era de R\$ 3.219. Durante a pandemia houve primeiramente um aumento dos rendimentos médios dos trabalhadores decorrentes da saída de trabalhadores mais vulneráveis do mercado de trabalho. A seguir, com a retomada gradual da economia, houve queda, com o ponto mais baixo registrado no 4º trimestre de 2021, atingindo R\$ 3.012. A partir do 1º trimestre de 2022, a média começou a se recuperar, atingindo R\$ 3.317 no 3º trimestre de 2023 (Gráfico 4.12).

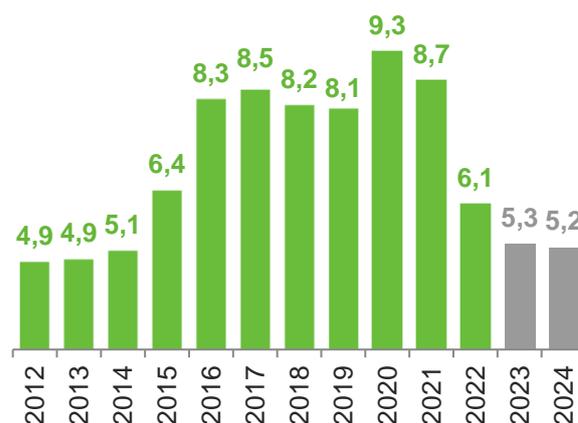
O aumento dos salários, aliado à redução da oferta de trabalho ao longo de 2023, resultou em um aperto no mercado de trabalho gaúcho. Esse cenário tem efeitos ambíguos sobre o emprego. Por um lado, o aumento dos rendimentos médios gera maior renda disponível para as famílias e estimula o consumo. Contudo, a combinação de salários mais altos e diminuição da oferta de trabalho pode resultar em escassez de mão de obra em determinados setores, o que pode ser prejudicial para empresas intensivas em mão-de-obra, como é o caso da Indústria de Transformação. Tal relação pode ser verificada sobre os empregos no Rio Grande do Sul, onde a Indústria gaúcha já acumula resultado negativo de geração de empregos no acumulado de 12 meses (tabela 4.12).

Gráfico 4.10. Taxa de desemprego – RS
(Em % da força de trabalho | Taxa trimestral)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.
OBS: Os pontos cinza são as projeções para o 4º trimestre de 2022 e 2023, e o ponto preto é a taxa no 3º trimestre de 2022.

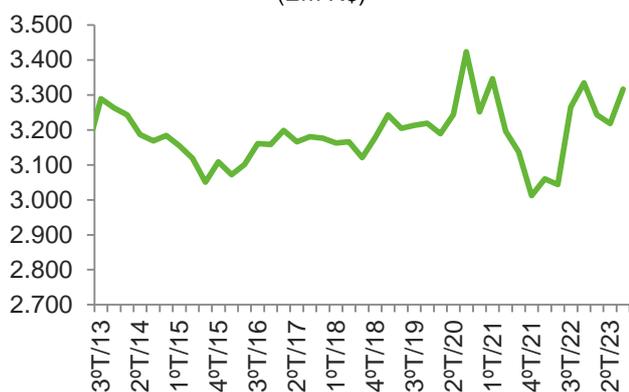
Gráfico 4.11. Taxa média desemprego – RS
(Em % da força de trabalho | Taxa média anual)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.
OBS: A média em quatro trimestres até o 3º trimestre de 2022 foi de 7,0%.

Diante do cenário de incertezas sobre investimentos pelos empresários, bem como do aperto no mercado de trabalho, a nossa projeção para os meses finais de 2023 é que o processo de redução do desemprego deve desacelerar, fechando o ano com uma taxa de desocupação de 5,0% (gráfico 4.10). No ano de 2024, projetamos que a taxa de desemprego no Rio Grande do Sul deve permanecer semelhante à de 2023, terminando o ano com os mesmos 5,0% de desocupados. Quanto ao número de empregos gerados, são esperados 41,5 mil novos empregos no ano de 2023 e 21 mil no ano de 2024.

Gráfico 4.12. Renda média real mensal habitual de todos os trabalhos – RS
(Em R\$)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

Tabela 4.2. Geração de empregos formais por setores – RS
(Saldo líquido em mil vagas)

	Acum.			
	2022	12 meses até set/2023	2023*	2024*
Agropecuária	2,8	2,2	1,0	0,6
Indústria	29,2	-7,5	-5,1	6,2
Transformação	21,9	-4,8	-3,3	4,6
Construção	6,8	-2,1	-1,4	1,4
Extrativa e SIUP**	0,5	-0,6	-0,4	0,1
Serviços	67,5	56,1	45,6	14,2
Total da economia	99,6	50,7	41,5	21,0

Fonte: MTP/Novo CAGED. Elaboração: UEE/FIERGS.
* Previsão FIERGS/UEE. ** Serviços Ind. de Utilidade Pública.
OBS: Dados ajustados com as declarações fora do prazo.

Em síntese, a análise de conjuntura do emprego e da renda em 2023 destaca uma recuperação que, embora positiva na redução da taxa de desemprego, ainda preocupa. A diminuição do desemprego, em grande parte, resultou da saída de trabalhadores do mercado de trabalho, influenciando a taxa de participação e introduzindo complexidades na interpretação da dinâmica do mercado de trabalho. Tanto no contexto nacional quanto no cenário gaúcho, as oscilações na taxa de participação geraram efeitos sobre a renda dos trabalhadores. A oferta mais

restrita de mão de obra, associada ao aumento dos salários, gerou um aperto no mercado de trabalho, com implicações ambíguas sobre o emprego. Enquanto os salários mais altos impulsionam o consumo, a escassez de mão de obra gera desafios adicionais para setores intensivos em mão-de obra, como a Indústria de Transformação. As projeções para 2024 indicam desafios persistentes diante da incerteza econômica.

Tabela 4.3. Perspectivas – Brasil

Geração de postos formais de trabalho | Em mil vínculos

	2022	2023*	2024*
Agropecuária	64	48	30
Indústria	441	359	221
Transformação	214	177	109
Construção	193	160	99
Extrativa e SIUP**	35	22	13
Serviços	1.508	1.148	706
Total da economia	2.013	1.555	956
Taxa de desemprego Em %			
Fim do ano	7,9	7,5	7,6
Média do ano	9,3	8,0	7,9

Fonte: MTP/ Novo CAGED. IBGE/PNAD Contínua. * Previsão UEE/FIERGS. ** Serviços Industriais de Utilidade Pública.

Tabela 4.4. Perspectivas – Rio Grande do Sul

Geração de postos formais de trabalho | Em mil vínculos

	2022	2023*	2024*
Agropecuária	3	1	1
Indústria	29	-5	6
Transformação	22	-3	5
Construção	7	-1	1
Extrativa e SIUP**	0	0	0
Serviços	68	46	14
Total da economia	100	41	21
Taxa de desemprego Em %			
Fim do ano	4,6	5,0	5,0
Média do ano	6,1	5,3	5,2

Fonte: MTP/ Novo CAGED. IBGE/PNAD Contínua. * Previsão UEE/FIERGS. ** Serviços Industriais de Utilidade Pública.